

## EDITORIAL/APRESENTAÇÃO

### Doxa e Episteme



Milton Santos nos dizia que vivemos um período e uma crise, tudo ao mesmo tempo<sup>(1)</sup>. Neste final da segunda década do século XXI, estamos vivendo o ápice da crise/período. Com a aceleração da crise, as contradições do período estão ficando mais evidentes e ganhando mais relevo provocado por choques dos seus antagonismos, e são estes que se apresentam como “matéria-prima” para superação do período atual. Quiçá, como havíamos dito antes, *“a perplexidade atual, a falta de rumo e as conclusões apressadas são fruto das próprias transformações advindas do período da globalização que, enquanto novo, se caracteriza pelas rápidas transformações por que passa o mundo e pela crise permanente instalada nesse momento de transição”*<sup>(2)</sup>.

No que diz respeito ao que nos interessa aqui neste espaço acadêmico, gostaríamos de destacar o antagonismo protagonizado por uma visão *doxa* e pelo **conhecimento científico**<sup>(3)</sup>. É impressionante testemunhar a crescente valorização pública que a *doxa* tem alcançado em detrimento do conhecimento epistêmico, da academia, enfim, da ciência. Paradoxalmente a “sociedade do conhecimento”, tão propalada como característica do nosso tempo, parece ficar restrita a poucos, sendo, na grande maioria, somente valorizada por quem detém o poder hegemônico do mundo dos negócios e sabe muito bem como usar a ciência para gerar lucros em seu proveito.

Enquanto uns poucos não abrem mão da ciência, a “sociedade-massa” (ou o homem-massa de Ortega y Gasset<sup>(4)</sup>) aproveita o tempo da “liberdade individual” para acreditar ser dotada de capacidade intelectual superior, ao ponto de desprezar a necessidade de estudo acadêmico-científico e negar a validade do conhecimento que a academia produz, principalmente na área de humanidades. Essa “massa” crê ter um lugar de fala advindo de uma sabedoria *nata* que lhe garante autoridade para opinar livremente sobre tudo, com a mesma ou até mais autoridade que qualquer outro especialista que tenha uma vida de estudos acadêmicos e de dedicação científica. Essa “massa de pensamento superior” encontra nas redes sociais sua

<sup>(1)</sup> Essa ideia é tratada em alguns artigos do autor ao longo da década de 1990, mas foi melhor elaborada em SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001

<sup>(2)</sup> VASCONCELOS, Santiago Andrade. Modernizações, o período da globalização e algumas de suas feições geográficas do meio técnico-científico-informacional. **Revista GeoSertões** (Unageo/CFP-UFCG). v. 1, n. 1, jan./jun. 2016, p. 39-56. <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/index>

<sup>(3)</sup> Nosso entendimento sobre a distinção entre *doxa* e conhecimento deriva do pensamento de Platão, em que a *doxa* é contrária ao pensamento epistêmico, verdadeiro.

<sup>(4)</sup> ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.



“Ágora” da atualidade. É nessas redes onde a “sociedade massa” se expressa com todo seu jugo, desrespeitando a ciência e querendo tornar o conhecimento científico desprestigiado e até mesmo desnecessário, principalmente quando se trata de ciências humanas.

Aqui não estamos querendo criticar o direito a opinião, a livre manifestação de expressão, longe disso. O que queremos alertar é para o fato de qualquer um achar que tem autoridade de conhecimento para opinar sobre qualquer assunto como se sua *doxa* fosse uma verdade inquestionável. Na “Ágora virtual” das redes sociais a opinião sobre tudo termina por promover ignorância e negação do conhecimento produzido a partir de todo um rigor e anos de estudo e, portanto, da própria realidade (afirmar que a Terra é plana sintetiza o que se quer dizer). Um exemplo banal é quando entra em pauta na “Ágora” temáticas como ditadura militar, fascismo, comunismo, marxismo etc. Não falta especialistas no marxismo, por exemplo, sem nunca ter lido ao menos o “livrinho” panfletário “*O Manifesto Comunista*”.

No Brasil em particular, assistimos a esse embate (*doxa versus* conhecimento) até mesmo no seio governamental, na medida em que este parece desvalorizar às Universidades Públicas, que são as principais instituições responsáveis pela maioria do conhecimento produzido no país.

O combate a um tal “marxismo cultural”, temática típica da “Ágora virtual”, virou pretexto para o ataque e a agressão as Instituições que qualificam profissionais e produzem conhecimento neste país, o que nos faz suspeitar que a visão *doxa* chegou até mesmo a alguns gabinetes do Governo.

Do nosso lugar de pensar que é o acadêmico e de um periódico científico, resta-nos lamentar as agressões que estamos sofrendo, num país que ainda tem uma enorme carência em matéria de ciência e de educação.

Contudo, apesar do ambiente desfavorável, estamos lançando mais uma edição da **Revista GeoSertões**, esta que desde o início encarnou o atrevimento e a resistência como razão de ser.

No país em que a *doxa* reina na “sociedade-massa” e é bastante valorizada, impera a ignorância, e por isso não causa admiração assistir à valorização do lucro como único fim e a desvalorização das questões ambientais e o desrespeito aos povos indígenas, extrativistas, quilombolas, ribeirinhos, sem terras e tetos etc. É justamente para contrapor-se a essa visão que o presente número traz alguns artigos que têm como preocupação central questões ambientais, pensadas por múltiplos enfoques e tendo como objeto de estudo diferentes realidades. A temática da sustentabilidade une a maioria dos trabalhos da presente edição, cada qual pensado à sua



maneira e sendo todos respeitados pela **GeoSertões**, mesmo que estes não expressem a opinião de quem esteja à frente deste periódico.

A **GeoSertões** tem como uma de suas características justamente ser múltipla e respeitosa com as diferentes formas de pensar e fazer ciência. Acreditamos que o espaço respeitoso do livre pensar acadêmico é sagrado porque permite a existência do ambiente fértil do debate teórico e conceitual, sem o qual o conhecimento não avança.

Para fertilizar debates, neste número contamos inicialmente com o artigo ***“Desafios e possibilidades da sustentabilidade na agricultura”*** que trata de abordar algumas reflexões teóricas sobre condutas produtivas limpas e processos sustentáveis em Agroecologia. Para melhor entendimento, os autores Noeme Cabral da Silva Santos e Wellington Amancio da Silva, recorrem temporalmente desde a Revolução Verde e alguns de seus paradigmas, mas também não negligenciam em abordar aspectos da agricultura convencional e da Agroecologia no presente, pensadas a partir da realidade brasileira enquanto recorte espacial.

As professoras Ireneide Gomes de Abreu e Silvana Eloisa da Silva Ribeiro, juntamente com os professores Jacob Silva Solto e Ricardo Alves de Olinda, formam equipe e nos brindam com o artigo intitulado ***“Educação ambiental popular sustentável: para além da visão romântica e tecnicista”***. Neste estudo eles optaram por estudar a problemática socioambiental no contexto da educação, enfocando principalmente as concepções e práticas de educação ambiental (EA) em escolas da educação básica que foram selecionadas como objeto da pesquisa. Os resultados empíricos *“apontam”*, dizem os autores, *“a presença de concepções e práticas tecnicistas e românticas de EA, prevalecendo atitudes pedagógicas pontuais de cunho biorregionalista, distanciando-se das concepções de EA crítico-social, dificultando, assim, a construção da Educação Ambiental Popular Sustentável (EAPS)”*.

O ***“Estudo microclimático em áreas externas de convivência social do Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte”*** de autoria de Letícia Gabriele da Silva Bezerra, Ana Luiza Bezerra da Costa Saraiva e Alfredo Marcelo Grigio apresenta resultados de pesquisa microclimática na cidade de Mossoró - RN, precisamente nas áreas externas de convivência social do Campus Central da UERN. Como resultados a equipe ressalta a importância da arborização para amenizar as temperaturas, aumentar os teores de umidade relativa do ar e para reduzir os Índices de Calor da área estudada.

Pretendendo trazer para o nosso conhecimento o protagonismo das mulheres ribeirinhas que têm suas vidas atreladas a um trecho do



Rio São Francisco, em Pirapora – MG, Anderson Willians Bertholi e Ivani Batista Paim, em estudo empírico, revelam a capacidade de organização dessas ribeirinhas, afirmando que os saberes e fazeres tradicionais delas são sustentados pela coletividade no uso do território, numa “*configuração [...] que traduz a relação estreita entre a história e a geografia de um lugar peculiar às margens do ‘Velho Chico’*”. Portanto, ler “*Mulheres do Rio – a relação das pescadoras com o ‘Velho Chico’ em Pirapora – MG*” é mergulhar nas águas de um Brasil profundo e de resistência, é conhecer histórias de vida e de uso do território em que a coletividade e a natureza são centrais.

Por fim, Rosyelle Valerio da Silva e José Deomar de Souza Barros nos apresentam resultados da pesquisa “*A sustentabilidade socioambiental dos resíduos sólidos urbanos da cidade de Cajazeiras – PB*”. Este estudo tem por finalidade “*avaliar a sustentabilidade socioambiental dos resíduos sólidos urbanos através do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade Pressão-Estado-Impacto-Resposta (P-E-I-R) no município de Cajazeiras – PB*”. Após aplicar a metodologia, que inclui extensa pesquisa de campo, os pesquisadores chegaram a resultados de que dos 34 indicadores analisados, apenas nove foram classificados como favoráveis, fazendo com que eles recomendem que mudanças são necessárias para que esse quadro seja revertido.

Esses são os artigos que, por hora, disponibilizamos para o público leitor da GeoSertões. Esperamos que ao disponibilizarmos livremente o conteúdo do nosso Periódico, estejamos contribuindo de alguma forma para estimular debates acadêmicos, ajudando na aprendizagem e promovendo o avanço do conhecimento. Enfim, o nosso desejo é oferecer alguma contribuição social neste momento de crise, e porque não dizer também que é uma porta de oportunidades que se abrem para mudanças que tenham a humanidade como preocupação central e não o lucro, o dinheiro.



*Santiago Andrade Vasconcelos*  
*Editor-Gerente e Editor*  
**Revista GeoSertões**



Artigos

Artigos

**Artigos**